

Alta anterior ainda pressiona a inflação

Só em outubro os efeitos da disparada do dólar chegaram com força ao varejo

JACQUELINE FARID

RIO – A queda na cotação do dólar, que já atingiu 6,4% em novembro, não deverá ter efeitos imediatos sobre a inflação. A análise é compartilhada pelo chefe do Centro de Estudos de Preços da Fundação Getúlio Vargas (FGV), Paulo Sidney de Melo Cota, e pela gerente do Sistema de Índice de Preços do Instituto Brasileiro

de Geografia e Estatística (IBGE), Eulina Nunes dos Santos.

A moeda americana foi o principal fator de elevação dos preços no atacado no acumulado do ano (10,73%, segundo a FGV) e já começou a ter significativos impactos nos preços ao consumidor.

O argumento, também compartilhado por ambos, é que o repasse da disparada da moeda americana no ano (alta acumulada de 29,6% até a última cotação) ainda não ocorreu em sua totalidade e é difícil prever os efeitos dessa defasagem sobre os preços a partir de agora.

Em outubro, o dólar pela pri-

meira vez chegou com força ao varejo, como revelou o Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), pesquisado pelo IBGE, cuja alta de 0,83% no mês foi mais da metade influenciada pela moeda americana. No caso dos produtos no atacado, medidos pela FGV, o repasse vem ocorrendo desde abril, após as primeiras alterações para cima no comportamento do câmbio.

Cota disse que a queda na cotação do dólar deverá reduzir as pressões futuras sobre os preços no atacado, mas não é suficiente para mudar a sua previsão de um Índice Geral de Pre-

ços do Mercado (IGP-M) entre 0,90% e 1% em novembro, nível considerado elevado pelo mercado.

Ele lembrou que os efeitos das mudanças na cotação do dólar são imediatos sobre commodities como a soja e o trigo, mas a maior parte dos setores ainda não repassou integralmente para os preços a alta da moeda americana nos últimos meses e ainda poderá fazer reajustes, mesmo com a queda. (AE)